



ILHAS DE CONCRETO: UM NOVO TERRITÓRIO FICTÍCIO

ADRIELI GUIDARINI ROMAN



ADRIELI GUIDARINI ROMAN

ILHAS DE CONCRETO: UM NOVO TERRITÓRIO FICTÍCIO

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
bacharel no Curso de Artes Visuais da
Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC.

Orientador(a): Profa. Ma. Odete Angelina
Calderan

CRICIÚMA

2018

ADRIELI GUIDARINI ROMAN

ILHAS DE CONCRETO: UM NOVO TERRITÓRIO FICTÍCIO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 22 de junho de 2018

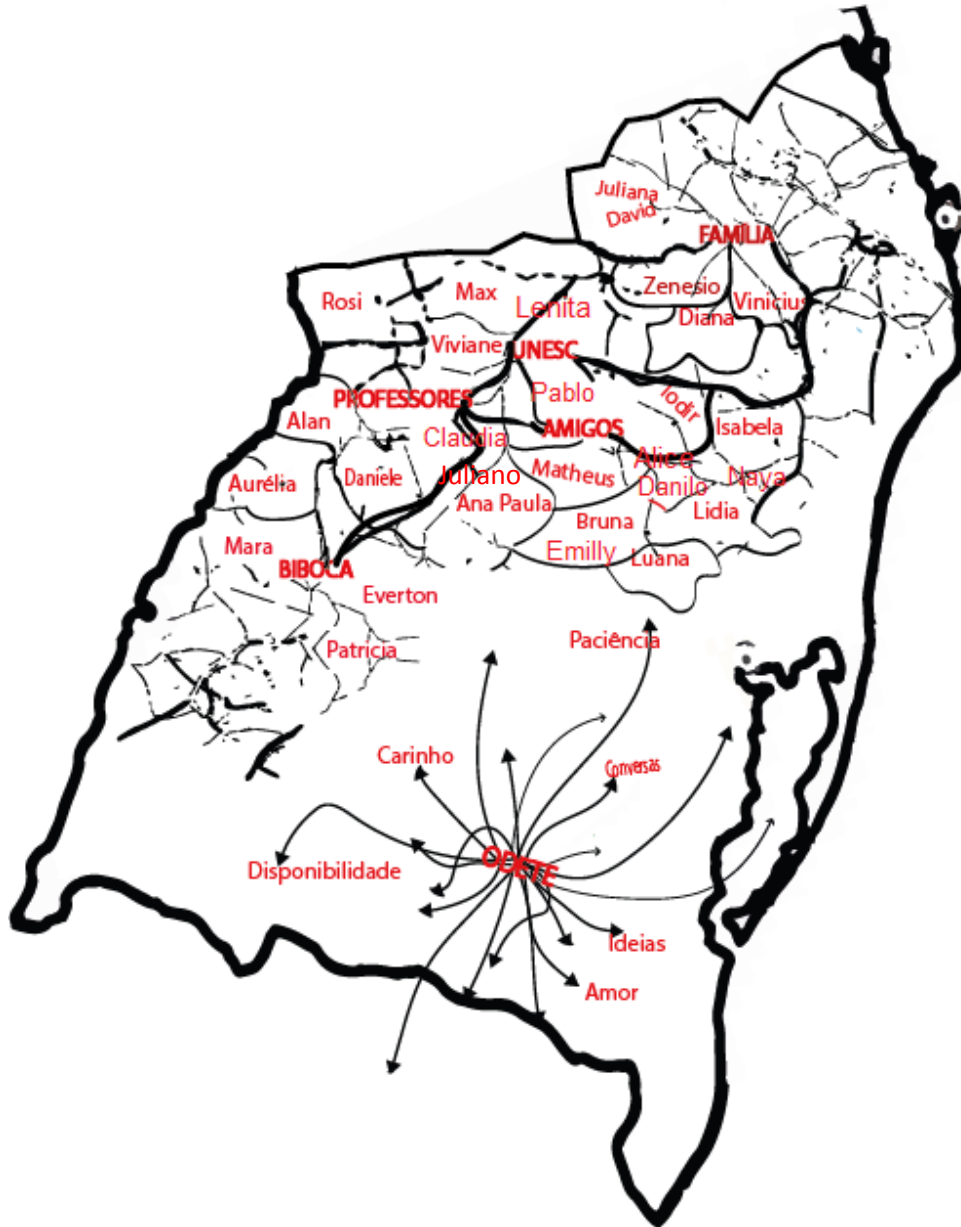
BANCA EXAMINADORA

Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais - UFSM - Orientadora

Claudia Zimmer de Cerqueira Cezar - Pós-Doutora em Processos Artísticos Contemporâneos - UDESC

Daniele Cristina Zacação Pereira - Mestranda em Processos Artísticos Contemporâneos - UDESC

AGRADECIMENTOS



“Saber-se nômade uma vez é o que basta para nos convencer de que tornaremos a partir, de que a recente viagem não será a última.”

Michel Onfray

Querido (a)

...organize suas malas, pois a expedição “ilhas de concreto: um novo território fictício” esta partindo....

Você esta prestes a embarcar em uma viagem que criei em torno do meu processo que busca desenvolver um pensamento reflexivo entrecruzando teoria e prática artística. Para tanto, antes do embarque observo o que colocar na mala já que foram intensos os quatro anos de graduação em Artes Visuais. Embarco e já em trânsito percebo a importância das pistas para mim e para os que desejarem segui-la. Entre um e outro solavanco da estrada anoto, fotografo e organizo um mapa. Após certo tempo de percurso a viagem ganhou um novo sentido quando passei a compreender e explorar os territórios reais e ficcionais, ampliado pela percepção do cotidiano, das cidades, passando a denominá-las ‘ilhas de concreto’. Nesse trânsito de vias rápidas, noutra nem tanto, muitas fiquei presa nos desvios, precisei desacelerar e possibilitar a troca com autores importantes, juntamente estabeleci diálogos com artistas. Essas conversas trouxeram-me mais segurança, assim como quando buscamos conversar com pessoas que já realizaram a viagem que desejamos, foram esses artistas e autores que me encorajaram a seguir em frente. Os territórios investigados se invadem com folhear de cada página. A viagem é de certa maneira curta, mas repleta de bifurcações. Ao final deixo um bloco de anotações para que você possa fazer os seus registros sobre a sua expedição.

Não se esqueça de conferir seus dados no cartão de embarque!

boa viagem!

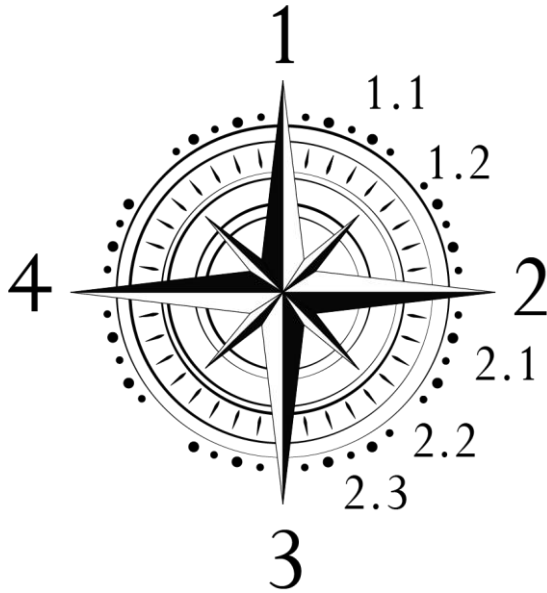
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Anotações.....	2
Figura 02 - Lista de planejamento para uma viagem.....	2
Figura 03 - Caixa (D)espacio - Fran Favero.....	2
Figura 04 - Claudia Zimmer, Ilha-não-ilha, 2011	2
Figura 05 - Pablo Paniagua, Caixa Arquipélago, 2016.....	2
Figura 06 - Anotações sobre o problema.	2
Figura 07 - Em caso de emergência troque palavras.	2
Figura 08 - Fragmento entre ilhas e edifícios.....	2
Figura 09 - Passagem do ônibus ida a Florianópolis.	2
Figura 10 - Fotografia ao encontrar o Cond. Ilha dos Açores.	2
Figura 11 - Detalhe do letreiro do edifício	2
Figura 12 - Tela inicial do jogo.....	2

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

Índice



1 - Embarque	14
1.1 - A viagem como início	15
1.2 - Planejando e estruturando a viagem	19
2 - Territórios em exploração	32
2.1 - Ilhas de concreto	33
2.2 - Entre ilhas e edifícios	39
2.3 - Um novo território é construído	41
3 - Desembarque	45
4 - Guias referenciais	48
Apêndices	51

1



EMBARQUE

1.1



A VIAGEM COMO INÍCIO

A viagem é uma imersão completa para o desconhecido uma rica fonte de conhecimento e experiências. Inspirada no formato como são construído os relatos de viajantes, que apresentam em seus diários acontecimentos e descobertas feitas durante suas aventuras, apresento aqui a minha escrita que começa pela passagem da minha graduação e conseqüentemente os descobrimentos feitos durante esse processo de formação.

Ao longo desse tempo percebi as mudanças que estavam acontecendo e f compreendi melhor onde estavam meus interesses, e descobri que muitas das minhas escolhas eram influenciadas por uma divisão feita inconscientemente. A divisão trata-se de se descobrir como um nômade ou sedentário, conforme observa Onfray (2009, p. 9) “mais tarde, muito mais tarde, cada um se descobre nômade ou sedentário, amante de fluxos, transportes, deslocamentos, ou apaixonados por estatismo, imobilismo e raízes”. Uma terceira opção, a qual melhor me identifiquei, é ser uma viajante¹ e colocar o pé na estrada, seguir em busca de algo que possa me surpreender.

¹ O viajante concentra estes tropismos milenares: o gosto pelo movimento, a paixão pela mudança, o desejo ardoroso de mobilidade, a incapacidade visceral de comunhão gregária, a vontade de independência, o culto da liberdade e a paixão pela improvisação de seus menores gestos [...]. (ONFRAY, 2009, p. 13)

Figura 01 - Anotações.



Fonte: Arquivo pessoal

O ato de viajar e o descobrimento de novos territórios partem do estilo de vida dos povos nômades, este se caracteriza principalmente por estar sempre vagando por diferentes lugares, invadindo fronteiras sem criar raízes, é somente ele e o mundo². Enquanto que o ser viajante é uma ramificação que cresce a partir desse ser nômade, buscam o conhecimento, as aventuras e o explorar, mas no final da viagem retornam para algum lugar estável, possuem assuntos cotidianos para serem resolvidos.

Março de 2018, tantas mudanças aconteceram até aqui, começo a reunir meus materiais que possam me auxiliar a relatar minha passagem pela graduação. Adentrei em territórios que não imaginava existirem, conheci pessoas que me indicaram os melhores caminhos para continuar, e encontrei lugares pelos quais me apaixonei e sempre que possível os revisito para absorver um pouco mais do que eles podem me oferecer. Sinto-me ainda percorrendo os caminhos dessa longa

² Nada mais conta, exceto ele e o seu uso do mundo. (ONFRAY, 2009, p. 15)

viagem que iniciou algum tempo atrás, e que ainda me reserva surpresas e experiências antes do desembarque final.

Dei-me conta que não é de hoje que o ato de viajar é utilizado como parte de processo de pesquisa, antes mesmo das viagens tornarem-se apenas um hábito de lazer, elas faziam parte da ampliação de conhecimentos investigativos em arte e de outras áreas:

Um novo tipo de viajante surge no século 18 em conexão com as transformações econômicas e culturais na Europa do Iluminismo e da Revolução Industrial. Trata-se aqui não do viajante de expedições de guerras e conquistas, não do missionário ou do peregrino, e nem do estudioso ou cientista natural, ou do diplomata em missão oficial, mas sim do grand tourist, conforme era chamado o viajante amante da cultura dos antigos e de seus monumentos, com um gosto exacerbado por ruínas que beirava a obsessão e uma inclinação inusitada para contemplar paisagens com seu olhar armado no enquadramento de amplas vistas panorâmicas, compostas segundo um idioma permeado por valores estéticos sublimes.
³(SALGUEIRO,2002)

Muitas pesquisas e descobertas foram feitas a partir das viagens. No entanto, a viagem também pode conter um ponto de partida como uma grande metáfora, assim a pesquisa aqui apresentada *“Ilhas de concreto: um novo território fictício”*, que abrange processos de escrita e da prática em simultaneidade, ativados em meio a uma viagem exploratória em meio algumas cidades⁴, percebendo e conquistando novos territórios dentro de áreas urbanas, e que ainda foram pouco exploradas, identificando e construindo mapas que juntamente com uma produção digital (mapa-digital) serão apresentados correspondendo ao conjunto da produção final.

³ *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/26357681_Grand_Tour_uma_contribuicao_a_historia_do_viajar_por_prazer_e_por_amor_a_cultura >. Acesso em: 01 de Julho de 2018

⁴ Cidades dentro dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.



1.2

PLANEJANDO E ESTRUTURANDO A VIAGEM

Uma viagem começa antes mesmo de pegar a estrada, seja a pé de carro, carona, de ônibus e outros. Tudo inicia com um planejamento, pensar o lugar a se percorrer, os meios que utilizarei para transitar por esse lugar e o que carregarei comigo durante a aventura, cada detalhe esquecido poderá ocasionar um problema mais a diante.

Pensar na escolha de um lugar e começar a preencher folhas vazias com anotações sobre tudo, meus desejos, caminhos a percorrer, datas e horários, valores que serão investidos, possibilidades, enfim, tudo que para mim possa ser relevante. Apesar de todo cuidado tomado, muitos imprevistos podem surgir durante a viagem. Para me sentir mais segura busco seguir escritas confiáveis de viajantes experientes, que possam fortalecer as escolhas de minhas rotas.

Toda preparação de uma viagem envolve pesquisa. Quando decidi iniciar a preparação para minha jornada, observei uma dica comum em todos os sites que visitei. A criação de uma lista de organização com Itens que guiam do começo ao fim. O cumprimento de cada Item garante mais segurança durante o percurso e como todo bom viajante, preparei assim uma breve lista com possíveis opções para estruturar o planejamento desta viagem.

Figura 02 - Lista de planejamento para uma viagem

Lista de viagem

Porque viajar?

- Sair da zona de conforto
- Encontrar o diferente
- Explorar outros territórios
- Conhecer-se
- Descobrir

Tipo de viagem

- Exploratória
- Cartográfica
- Científica
- Qualitativa
- Quantitativa
- Lazer
- Estudos

O que levar?

- Livros
- Mapas
- Celular
- Diário de bordo
- Passaport
- Dinheiro

Roteiro

- Cidades
- Estados
- Nacionais
- Internacionais
- Espaços Virtuais

Guias de Percurso

- Michel Onfray
- Mayana Redin
- Claudia Zimmer
- Pablo Paniagua
- Francesco Careri
- Fran Favero

Quando me questiono sobre o porquê viajar, logo penso em como essa prática se faz presente no meu processo artístico e que acabou refletindo em um dos momentos mais especiais da graduação que é o Trabalho de Conclusão de Curso. Ao propor a ideia de viagem como base de estrutura da escrita, encontro caminhos até então desconhecidos. O desconhecido causa medo, a insegurança e a dúvida de arriscar ou não. Proporciona ainda questionar-me sobre o que parecia não haver dúvidas. A essência da viagem já estava formada, antes mesmo de decidir qual o tipo ou destino queria chegar, ela estava ali, junto comigo durante todo meu trilhar.

Quando fiz a escolha do curso de graduação em Artes Visuais, optei também por dar início a uma viagem. Em torno desse período de duração do curso em meio a contextos de minhas vivências e experiências percebo que, fui me construindo e buscando em torno do meu processo investigativo maneiras de transformar meu cotidiano. Ao embarcar nessa nova proposta da pesquisa aqui apresentada "*Ilhas de concreto: um novo território fictício*", que se insere na linha de pesquisa Processos e Poéticas: Linguagens⁵, do Curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, o qual determina um campo em que as pesquisas se tornam híbridas e envolventes, tanto para quem pesquisa quanto para quem observa.

Abril de 2018, começo por uma caminhada, um momento único que somente eu posso senti-lo, e aproveitá-lo. Percorrendo por diferentes trajetos em quase sempre solitárias em ritmo lento, observei e registrei tudo que me chamasse à atenção, passando por algumas ruas das cidades, percebi as sutilezas de uma poética ainda desconhecida, pronta para ser explorada.

⁵Regulamento disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/official_documents/11228.pdf?1426017180. Acesso em: 10 Abr. 2018.

Notei que meus interesses e observações pelo campo geográfico começaram a aparecer com mais frequência em meu dia a dia, principalmente quando senti que minhas caminhadas já não eram apenas um meio de locomoção, mas tornaram-se oportunidades para a pesquisa, na qual comecei a direcionar minhas observações e transcrever em anotações. Através dessas caminhadas me reconheci como sendo também uma aprendiz-cartógrafo,⁶ percebi o campo da cartografia em meu caminho, aguardando para ser explorado e usado metodologicamente.

Observação

O método cartográfico dentro da arte aparece como sendo um campo de experimentação no qual se cria uma rede de ligações envolvendo todo processo criativo do artista e produção. Dentro desse método é possível mostrar além da produção final que está exposta, todo o caminho percorrido pelo artista para chegar até essa produção. Quando esse caminho não é mostrado muito se perde por não conhecer como foi o trilhar do artista em busca de materiais consistente para mostrar através de suas produções parte de sua concepção sobre determinado assunto. (PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da, 2015)

⁶“O aprendiz-cartógrafo, inicialmente inseguro por não conhecer o campo que encontra (afinal, mais encontramos do que buscamos algo), vai descobrindo aos poucos que as regras prévias são valores móveis que não existem de modo rígido e universal, como nada garantem.” (PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da, 2015, p. 147)

Seguindo por aí me percebi um “[...] habitante de um lar sem muros⁷”, em meio às produções contemporâneas que não se limitam mais as barreiras, elas ultrapassam e mostram a importância de uma composição que é desenvolvida em meio às pesquisas de artistas. Nesse caminho conheci a artista Fran Favero⁸, que na primavera passada trouxe sua exposição “Y/Rembe’y, para a sala Edi Balod-UNESC,⁹ expondo produções como instalações, vídeos e publicações de artistas, referentes a sua própria identidade e fragmentos de sua vivência. Dentre as produções expostas estava a “Caixa(D)espacio” apresentada na Fig.03¹⁰.

Caixa contendo textos, imagens, publicações de artista e outros desdobramentos da pesquisa (D)espacio realizada ao longo da graduação em artes visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC e apresentada como trabalho de conclusão de curso, em 2015. O processo de produção e pensamento foi um mergulho na condição fronteiriça, em especial na região entre Brasil, Paraguai e Argentina, local afetivo, mas também de muitos estranhamentos e contradições. Isso gerou uma série de trabalhos, congregados nesta apresentação final.

Figura 03 - Caixa (D)espacio - Fran Favero.



⁷ Parte da letra “Morada” da banda Forfun - <https://www.lettras.mus.br/forfun/1627265/>

⁸ Fran Favero é artista visual, vive e trabalha em Florianópolis. É mestranda em Artes Visuais pela UDESC e graduada em Artes Visuais pela mesma instituição. As questões de espacialidade, paisagem, e fronteira movem seus trabalhos que se inserem no campo dos multimeios, abrangendo principalmente as publicações de artista, a fotografia, o vídeo e os usos do som.

⁹ A Sala EdiBalod – Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais, vincula-se aos Cursos de Graduação em Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc – Criciúma/SC.- <http://www.unesc.net/portal/capa/index/687/10980/>

¹⁰ Disponível em: <http://franfavero.tumblr.com/post/130183319991/caixa-despacio-2015-caixa-contendo-textos>. Acesso em Mai. 2018.

¹¹ Disponível em: <http://franfavero.tumblr.com/post/130183319991/caixa-despacio-2015-caixa-contendo-textos>. Acesso em Mai. 2018

A partir do surgimento da tecnologia e a migração dos mapas de papel para o digital as funções de buscas foram completamente facilitadas, é quase que inevitável não utilizar desses recursos hoje em dia antes, durante e depois a uma viagem....

Fran Favero não traz somente seu trabalho de conclusão de curso como parte da sua exposição, mas traz também algo pessoal, deixando à mostra suas memórias, o conhecimento obtido durante a graduação e também os procedimentos usados na pesquisa que acabaram se desdobrando em diferentes produções.

Olho ao meu redor e vejo que estou cercada por artistas que utilizam de aspectos geográficos em suas produções. “É interessante perceber como alguns artistas conseguem tratar de um mesmo assunto de modos tão distintos (CEZAR, 2014, p. 76)”. Reflito sobre essa frase ao fazer uma ligação entre uma das produções da artista Claudia Zimmer¹² e uma produção do artista Pablo Paniagua, ambos trabalham com “ilha”, entretanto as abordagens que cada um traz seguem caminhos opostos.

Claudia traz o conceito de ilha em diferentes produções, uma delas chamada *ilha-não-ilha*, 2011, conforme a Fig. 04¹³ me encanta muito, trata-se de um vídeo feito pela artista, no qual mostra um mesmo lugar filmado em momentos diferentes, quando a maré esta alta só as copas das árvores aparecem, enquanto que quando a maré baixa, uma faixa de terra aparece formando a então *ilha-não-ilha*.

¹²Artista, licenciada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina, mestre e doutora em Artes Visuais com ênfase em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É pós-doutora em Processos Artísticos Contemporâneos pelo PPGAV-UDESC. Disponível em:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4231091D7> . Acesso em: Mai.2018.

¹³Disponível em: <http://www.deolhonailha.com.br/florianopolis/noticias/sesc-divulga-selecionados-no-projeto-espacos-visuais-rede-sesc-de-galerias.html>. Acesso em: Mai. 2018

Nessa produção a artista além de relacionar o tempo e lugar ainda cria um momento de observação para fragmento do cotidiano.

Figura 04 - Claudia Zimmer, Ilha-não-ilha, 2011



Conheci outro artista após uma indicação feita pela professora da Daniele Zacarão¹⁴, conheci parte da pesquisa Arquipélago, apresentado no Fig. 05¹⁵, de Pablo Paniagua¹⁶. O Arquipélago trata-se do encontro de dez ilhas imaginárias que possuem uma biogeografia constituída por elementos reais e que em meio ao imaginário possibilitam a criação de uma fabulação científica. Logo no primeiro momento fiquei fascinada pela produção ali apresentada.

Figura 05 - Pablo Paniagua, Caixa Arquipélago, 2016

Dias depois meu interesse já não era somente pelo arquipélago, mas sim, pela dissertação em si. Conversei com o próprio artista para saber como havia sido o processo de surgimento e apresentação dessa dissertação como sendo ela própria a parte



¹⁴ Possui bacharelado em Artes Visuais e pós-graduação especialização em Educação Estética: arte e as perspectivas contemporâneas pela UNESC. Atualmente é mestranda pelo PPGAV/UEDESC, na linha de pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4167474893774003>. Acesso em: Mai. 2018

¹⁵ Disponível em: <https://www.lilianpacce.com.br/e-mais/pablo-paniagua/>. Acesso em: Mai. 2018

¹⁶ Doutorando em Artes Visuais, linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos, PPGAV UEDESC (2017-). Mestre em Artes Visuais, linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos, PPGAV UEDESC (2014 - 2016). Graduado no curso de Licenciatura em Artes Visuais - Universidade do Estado de Santa Catarina, UEDESC (2009-2013); e no curso de Bacharelado em Desenho e Plástica (Artes Visuais) - Universidade Federal de Santa Maria, UFSM (2000-2004). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3200936909636226>. Acesso em: Mai.2018

expositiva, algumas dúvidas foram esclarecidas e a partir dessa conversa encorajei-me a persistir nas ideias que vinham surgindo, as ilhas imaginárias foram um porto seguro durante meu processo de escrita.

Devo ressaltar que o contato que tive com cada um dos artistas citados acima me proporcionou uma aproximação com outras realidades antes desconhecidas. Essa aproximação me fez selecionar partes significantes do meu processo como artista dentro da graduação e incluir em meio a escrita. Composto por imagens, relatos e guias, essa estrutura apresentada ganhara um novo espaço dentro dos meios digitais essa expansão resultará na criação de um mapa digital. Para a criação desse mapa utilizei dados coletados durante meu caminhar, assim como também acontece com o processo de execução de um mapa real que parte de pesquisas e agrupamento de informações relevantes feitos por pessoas envolvidas com o desenvolvimento do mesmo. Após toda construção do mapa ele será disponibilizado ao público para aqueles que se interessarem utilizá-lo.

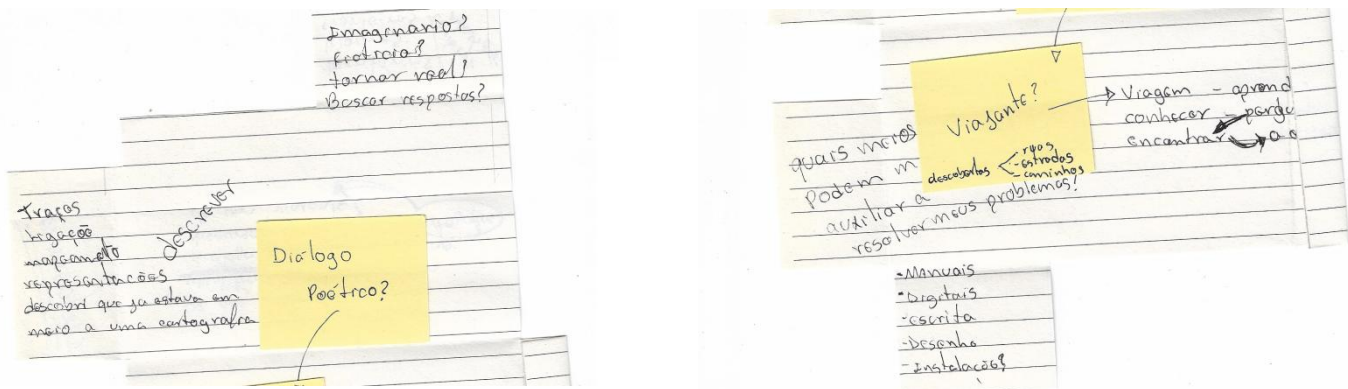
Chego a uma parada para descanso, sento-me e me deparo com um mapa, começo a observá-lo e pensar na conexão que tenho com esse objeto. Relembro de outras paradas que estive e de quantos mapas me apropriei, somente para guardá-los pelo valor estético que eles possuíam. Com os encaminhamentos e o andamento de minha pesquisa passei a perceber uma potência conceitual possível de extrair desses materiais e incluí-la no desenvolvimento da escrita/produção.

Antes de qualquer viagem costumo buscar via internet, informações dos lugares que pretendo conhecer, utilizo aplicativos que disponibilizam fotos, vídeos, dicas, mapas entre tantas outras opções que me aproximam do meu destino real. Com o crescimento de aplicativos relacionados a viagens, hoje em dia com apenas um clique pode-se encontrar informações completas sobre, o melhor trajeto a se fazer, o tempo de duração do deslocamento, onde dormir, onde comer, o que visitar, ou seja, o planejamento e a realização de uma viagem se tornam extremamente prático, sendo uma das funções da tecnologia, a de facilitar as demandas em nosso dia a dia.

Dentre tantos preparativos os que não pude prever foram alguns problemas que envolveram minha pesquisa e o formato que ela vinha ganhando. Todo percurso esta sujeito a alguma emergência, me deparo com alguns momentos de tensão no meio do caminho. Identifico um problema surgindo quando reviso os métodos tradicionais e percebo que minha pesquisa tende a se expandir para além desses métodos. A escrita poética envolvida com o ato de viajar faz-me questionar: “De que modo é possível identificar e estabelecer um diálogo poético articulado ao discurso em torno da cartografia de um viajante?”

Transcrevo meu problema para um caderno de anotações a fim de resolvê-lo em partes, coloco-o no centro assim desdobro importantes questões que me guiam na busca dessa resposta. Antes de chegar ao problema central preciso resolver: Como processo de escrita e produção artística influenciou no encontro de novos lugares dentro de territórios já existentes? De que modo posso apresentar esses lugares? Os meios virtuais podem contribuir para a interação entre espectador e produção?

Figura 06 - Anotações sobre o problema.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 07 - Em caso de emergência troque palavras.



Fonte: Arquivo pessoal

O hibridismo que propus entre pesquisa e viagem me fez pensar nos objetivos que havia determinado para mim mesma quando iniciei essa escrita. Hoje me encontro diante situações as quais me levam a repensar neles, em um desses sites de “**dicas para viajantes**”. Li uma resposta referente aos *objetivos de uma viagem*, enquanto lia, percebi que poderia adaptar partes dessa resposta de maneira que ela contribuísse para minha pesquisa.

Por um lado é uma resposta bem simples de responder, por outro nem tanto. Como todos os apaixonados por viagens têm como objetivo conhecer lugares lindos, novas culturas, interagir com diferentes povos, fazer voluntariado e trabalhar em vários países, aprender novas línguas ou coisas típicas de cada país... Enfim, vamos em busca de desenvolvimento pessoal e, quem sabe, abrir portas para o futuro. Ao mesmo tempo queremos sair da zona de conforto, testar-nos a nós mesmos, passando por realidades bem diferentes daquela que estamos habituados e tentar perceber qual o nosso limite e até onde podemos chegar... esperemos que o céu seja mesmo o limite.¹⁷

Aonde posso chegar, ainda não sei, e também não sinto que estou perto dessa resposta, à única coisa que sei é que muito ainda está por vir. As mudanças no modo como passei a interpretar meu cotidiano fazem parte do meu **desenvolvimento pessoal** assim como também percebi **uma realidade bem diferente** que foi estimulada durante essa pesquisa. O que trago nessa pesquisa é apenas o começo de muitos desdobramentos. As portas foram abertas, cabe somente a mim entrar uma a uma, conhecer e mostrar o que elas guardam.

¹⁷ Site sobre dicas para viajantes. Disponível em: <<https://doiseumundo.wixsite.com/doiseumundo/objetivo-de-viagem>>. Acesso em: Mai. 2018.

O artista cria a partir do que pesquisa, dos seus interesses, sua motivação para as produções são pensadas e estimuladas a partir de suas vivências. Quando amplio meu olhar e o percebo mais sensível para as questões ao meu redor, planejo como elas poderão ser inseridas em minha pesquisa, observar melhor a relação que tenho com os meios digitais em meu dia a dia e como podem auxiliar na apresentação final do diálogo entre escrita/produção.

Para dar conta do entendimento da viagem e da pesquisa textual direcionei a estrutura em quatro pontos principais, ao norte sigo para o *Embarque*, ao leste encontram-se os *Territórios em Exploração*, seguindo para o sul chego ao *Desembarque final*, ainda a oeste estão meus *Guias Referenciais*, entremeio a eles encontram-se as subdivisões que contextualizam cada ponto principal.

O *Embarque* é o momento de preparação que antecede minha partida, nele conto como surgiu meu interesse pelo viajar e como esse ato influenciou toda pesquisa. Trago considerações de Michel Onfray citadas em seu livro *A teoria da viagem*, o qual mostra como uma viagem pode ser muito mais encantadora e poética do que se pode imaginar. Nessa preparação também esta inclusa minha lista de planejamento, com itens que considero necessários para seguir. Uma referência artística também é citada nesse momento para enfatizar a relação entre produção e escrita.

Ao seguir para o leste estão os *Territórios em Exploração*, esses territórios são encontrados durante meu caminho que precisam de um cuidado especial durante as investigações, elas acabam revelando situações inimagináveis até então. Ítalo Calvino também traz revelações fantásticas e envolventes em seu livro *Cidades*

invisíveis, uma referência que encanta e me fez criar simbologias incríveis dentro do processo ficcional.

Desembarco logo adiante, uma viagem curta, mas que me proporcionou histórias inesquecíveis. Retornando ao meu ponto fixo, ao desfazer as malas encontro objetos que me trazem lembranças dos momentos vividos.



TERRITÓRIOS EM EXPLORAÇÃO



ILHAS DE CONCRETO

Quando embarquei nessa pesquisa não fazia ideia do que encontraria, havia determinado alguns pontos, mas muitas descobertas foram feitas pelo caminho. De longe avistei algo se destacando em meio a superfície cotidiana das cidades, adentro um pouco mais e vejo a quantidade de mistérios que são guardados entre uma esquina e outra, percebo o quanto é fácil encontrar-se e perder-se nas ruas que ligam um canto a outro e acima de tudo perceber que, dentro dessas cidades nada é tão fixo quanto parece. Tudo pode ser transformado ou imaginado, quando se sabe que:

“A cidade é sempre um organismo em mutação, pois, a cada instante, há algo mais que a vista não alcança, mais do que o ouvido possa perceber, uma composição nova em um cenário novo que espera para ser analisado” (LIMA; FERNANDES, 2000).

Figura 08 - Fragmento entre ilhas e edifícios



Esse novo cenário surge quando o imaginário se desperta e o olhar para algo que vai além do real começa a trabalhar incisivamente entorno de vestígios de um território a ser mais explorado eis que me pergunto:

O que você pode encontrar em uma viagem?

Momentos vividos, livros lidos, frases, músicas, tantas fontes que talvez não apareçam explícitas, mas de alguma maneira se articulam dentro do processo.

Quem viaja sem saber o que espera da cidade que encontrará ao final do caminho, pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. Em cada cidade do império, os edifícios são diferentes e dispostos de maneiras diversas: mas, assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar [...] confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares. (CALVINO, 2004, p. 34)

Na citação de Ítalo Calvino, se refere especialmente à visão e experiência que cada um tem diante da cidade, foi assim que me deixei levar pelos devaneios ficcionais e acabei encontrando as *ilhas de concreto*.

Esse encontro começa quando minha orientadora sugere que eu conheça as produções da artista Mayna Redin, em um primeiro momento me encantei com cada pesquisa, mas uma delas me atraiu mais foi o “Livro de Edifício Cosmos”, “Edifício Cosmos é um inventário que reúne 125 imagens de letreiros de edifícios situados em três cidades (Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo), que se unem através de uma característica em comum: possuem nomes cósmicos.”(REDIN, 2015). Entre tantos interesses pessoais, assuntos relacionados ao universo me chamam a atenção. Compartilhei a pesquisa dessa artista que acabara de conhecer com uma colega, que após uma conversa qualquer, na qual ela fala “edifícios” “ilhas” por um momentos essas duas palavras juntas criam um novo sentido entre elas mesmas.

Relembro do trabalho da Mayana e começo reformular meu olhar sobre os edifícios, uma sensibilidade floresce a partir do momento que identifico nomes de ilhas fixados em suas paredes, é o momento em que o processo de apreensão da realidade se faz presente como traz Cecilia de Almeida Salles:

O processo de apreensão dessas imagens revela a ação do olhar dominando a realidade com armas poéticas. Não se pode, no entanto, limitar o olhar poético a experiência visual, mas devemos pensá-lo como instante de estabelecimento de relações por meio da harmonia dos sentidos. (Salles, p.92)

As novas descobertas sempre são instigantes e reveladoras, percebi uma força nessa poética imaginária entre os edifícios reais e as ilhas descritas a partir dos seus nomes, e quis explorar ainda mais o que as *ilhas de concreto reservavam para mim...* Pensei na possibilidade de visitar alguns desses lugares, entretanto, me dei conta que teria pouco tempo para percorrer esses caminhos, segui minha busca e apropriando-me de imagens disponibilizadas na internet.

Recordo-me do projeto artístico Cartografia do Meio da artista Claudia Zimmer no qual ela mapeia e fotografa diferentes lugares que tenham em seu nome a palavra “meio” ou “meia” e após esse levantamento Claudia (2009, p.328) visita esses lugares e afirma que “a experiência de transitar, realizar investidas físicas nos locais, percorrer e vivenciar suas paisagens, além de produzir um grande número de fotografias deles, permite-me delinear um mapa, que é então entendido como o ‘Mapa do Meio’

Um acontecimento antes de iniciar a busca virtual foi que por conta da minha pesquisa, e recentemente

Figura 09 - Passagem do ônibus ida a Florianópolis.

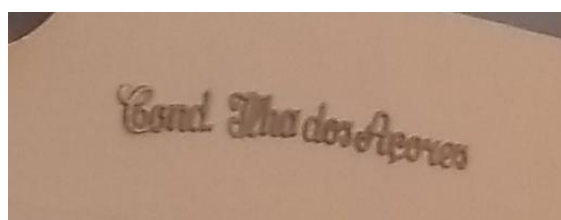
CURITIBA		623754
FLORIANÓPOLIS		65,14
Criciúma (B) x Florianópolis		0,00
32-1	COMENTÁRIO	
13/04/10	quarta-feira	0,30
08:00	PLATAFORMA	2,88
C. PASSAGEIRO		04,32
13/04/10 08:50		13,70
590656		19,00
7,33		
ARIEL RUIBARDI ROMAN		394
06/92200000		
0045		
623754		

havia me deslocado para a capital da “ilha de Santa Catarina” para investigar um pouco mais sobre algumas pesquisas em arte¹⁸ que se encontram na biblioteca da UDESC.

Figura 10 - Fotografia ao encontrar o Cond. Ilha dos Açores.



Figura 11 - Detalhe do letreiro do edifício



Após uma tarde imersa em pesquisas, segui para o apartamento de uma colega. Em meio ao trânsito lento de final de tarde, olho para o lado e vejo um edifício, automaticamente busco por seu nome, em uma das paredes estava fixado, Ed. Ilha do Mel, pego meu celular e anoto, começo a direcionar minha atenção para os edifícios à frente, entre tantos nomes, pude identificar mais um chamado Ed. Ilha dos Açores.

¹⁸ Pesquisas realizadas por professores e artistas dentro da UDESC e que são apresentadas fora dos formatos tradicionais.

A experiência de encontrar esses edifícios pessoalmente é diferente de encontrá-los virtualmente, mas como uma maneira de facilitar minha busca e adequar ao meu tempo de pesquisa, utilizo dos meios digitais para me auxiliarem. Para encontrar esses edifícios iniciei uma pesquisa simples no *Google maps*¹⁹, procurando por *edifícios ilha*, dentro dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a escolha dos dois estados se teve por questão de praticidade e conhecimento. Ambos estados já estiveram em muitas de minhas rotas de viagens. Alguns nomes aparecem e início uma investigação mais detalhada. Usando a ferramenta *streetview*,²⁰ que me possibilitou a locomoção e visualização mais real de onde esses edifícios estão localizados garantindo sua existência.

Os edifícios encontrados são pequenos, médios e/ou grandiosas construções que se tornaram ocupações, podem servir como moradias, centros de negócios, de estudos enfim, existem diversas categorias que determinam suas finalidades, assim como também as ilhas que são locais especiais ao redor do planeta. Muitas guardam até hoje segredos e mistérios por serem inabitáveis, enquanto outras já povoadas são famosos pontos para quem quer fugir do mundo real em busca de mais tranquilidade.

A minha fuga do mundo real me fez encontrar um novo território ficcional em meio ao meu cotidiano, me fez querer encontrar a ilhas perdidas nas cidades e

¹⁹O *Google Maps* é um mapa online do Google disponível na web, para Androide para iOS totalmente em português. É uma ferramenta excelente para encontrar qualquer lugar do Brasil e do mundo, obter instruções de rotas, de como ir de um lugar para o outro, e caminhar ao redor das cidades mais importantes como se você estivesse lá, quase ao vivo. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/google-maps.html>. Acesso em: abril de 2018.

²⁰O usuário pode usar o *Street View*, recurso de geolocalização do Google, para ver as ruas por mapa ou imagem via satélite, se “movimentar” pelo percurso e ver pontos de referência através de fotos que permitem a visualização em 360°. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2011/05/nao-tem-gps-va-de-google-street-view.html>. Acesso em: abril de 2018.

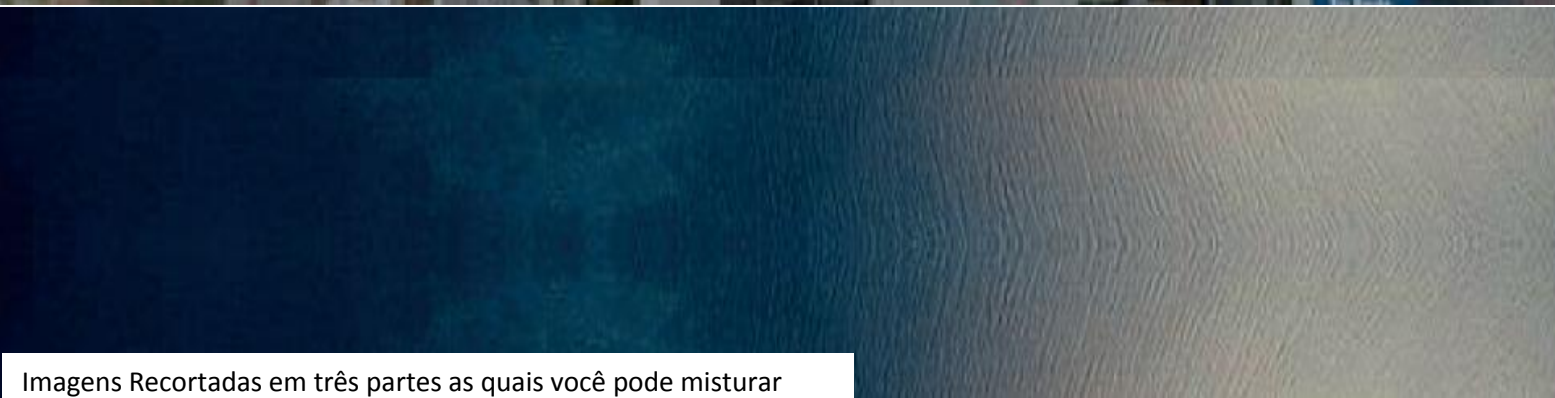
cataloga-las, mas não de uma maneira tradicional. A minha catalogação aparece em dois momentos, o primeiro quando crio uma mistura entre os edifícios e ilhas com os mesmos nomes através de imagens, e o segundo quando identifico essas imagens com informações relevantes sobre ambos. Por conta da dificuldade de encontrar fotos aéreas das ilhas ou dos próprios edifícios, com uma boa qualidade, utilizei o Google *maps/streetview* para encontrar as imagens necessárias.

As imagens apresentadas a seguir foram selecionadas dentro do meu arquivo que iniciei juntamente com a pesquisa. Ao entrar em ilhas e edifícios, as imagens encontram-se recortadas e prontas para serem misturadas. A formação de um novo território começa quando partes de edifícios e ilhas se envolvem com o folhear das páginas. O espectador tem a liberdade para combinar como preferir. Nas últimas folhas dessa pesquisa, encontram-se as legendas de cada ilha, identificando a qual edifício elas representam.



2.2

ENTRE ILHAS E EDIFÍCIOS



Imagens Recortadas em três partes as quais você pode misturar imagens de ilhas e edifícios. Esta parte encontra-se somente na cópia física



2.3

UM NOVO TERRITÓRIO É CONSTRUÍDO

Observando o que foi levantado até aqui, arrisco dizer que esse novo território construído torna-se além de uma extensão do processo da pesquisa, possibilita também uma ligação com ao espectador dependendo somente dele para que o território aconteça.

As *ilhas de concreto* surgem e com elas a vontade de apresentá-las ao público de acordo como as vejo. Ocorre-me a ideia de criar um novo território para inseri-las já que essa ideia de *ilhas de concreto* dentro das cidades existe somente no imaginário. Esse novo território emerge também de um pensamento relacionado a real ocupação dos Ed. Ilhas [...] utilizados, já que eles encontram-se em espaços marcados e identificados dentro das cidades, seria relevante a criação de um mapa fictícios para inserir os “novos tipos” de ilhas encontrados.

A quebra de barreiras entre o real e o imaginário fez-me ir à busca de materiais possíveis de serem transformados em extensões para esse novo território. A proposta para essa extensão/produção se amplia a partir do meu interesse pela poética do mapa (papel ou digital) e a suas funções cotidianas. Com o levantamento de informações e materiais feito durante o meu percurso, me direcionaram a investigar também dentro dos meios digitais, já que esses estiveram envolvidos em boa parte da pesquisa. Propus-me a explorar melhor as possibilidades oferecidas que poderiam auxiliar-me na execução dessa produção.

Desde o início da pesquisa até os desdobramentos finais. Tendo em mente a minha proposição de um mapa digital, busquei por não trazer características completas de um mapa real, mas me apropriei de formas reais as quais se tornaram a representação gráfica de uma localidade até então vazia. Dentro dessa

representação deixo a sua disposição do público fragmentos de minha pesquisa, a qual poderá ser utilizada da melhor maneira escolhida por quem estiver interagindo.

Meu interesse é proporcionar ao leitor (espectador) uma ferramenta de acesso utilizando diferentes aspectos do mapa, integrando a parte gráfica e conceitual. Para dar início a execução desse mapa conversei com algumas pessoas da área de tecnologia (informática, programação) e afins. Descobri que minha ideia inicial seria uma produção muito grande, envolvendo tempo, dinheiro e muito planejamento. Sendo assim, não seria viável finalizar no período estabelecido. Não desistindo da ideia eliminei algumas partes e procurei novamente algumas pessoas da área para apresentar os pontos relevantes que seriam necessários para a ideia do mapa funcionar.

Reformulando a ideia inicial passei trabalhar com o acadêmico Gabriel Gava Pasini, do curso de Jogos Digitais – UNESC. Todo o desenvolvimento do mapa foi feito entre trocas de mensagens em e-mails. Inicialmente encaminhei um desenho e algumas instruções, a partir disso ele desenvolveu alguns protótipos e me retornou, analisei e corrigi alguns detalhes. O processo durou cerca de um mês para ser finalizado. No fim, o mapa transformou-se também em um tipo de jogo lúdico, sem vencedores ou perdedores meu interesse mesmo é a interação do público.

A partir de um computador, no acesso a tela inicial o jogo compõe-se de duas partes, a primeira se encontra o mapa principal, no formato dos mapas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, pois são os estados que fizeram parte dessa pesquisa e ao lado uma lista de alguns nomes dos Edifícios encontrados que tenham “ilha” em sua identificação. A interação acontece de forma simples, o jogador escolhe um dos nomes disponíveis e em seguida escolhe o local desejado para sua localização. Um símbolo de localização aparece juntamente com o nome escolhido. Existe também a possibilidade de incluir novos nomes para serem fixados. Entretanto, não é possível salvar o território criado.

Figura 12 - Tela inicial do jogo





3

DESEMBARQUE

Após uma longa e surpreendente viagem chego ao desembarque final. Nas malas trago experiência e conhecimento que desejava logo no início. Algumas histórias e descobrimentos foram relatados nas escritas anteriores. As observações que fiz no decorrer do processo influenciaram em muitas decisões. Olhando para trás relembro de cada passo dado para chegar até aqui, cada obstáculo desviado para encontrar soluções e resolvê-los. Apesar de ter comigo minha “lista de viagem” muitos acontecimentos são imprevisíveis, as ideias surgiam, e quando menos imaginava sentia-me em um cruzamento precisando optar por apenas uma delas.

Encontrar as “ilhas de concreto” foi o despertar da percepção sensível que me acompanhava durante meu percurso dentro do curso. Quando libertamos a nós mesmos para sentir outros lados da vida nos permitimos também a enxergar o que não é visto, e tentamos mostrar esse outro lado através de nossas produções. Na busca por entender onde queria chegar, descobri que o processo que vinha fazendo de reunir materiais e criar ligações entre eles era na verdade uma metodologia cartográfica conquistando espaço, e dando início a um diálogo poético.

Pensando na cartografia como uma carta geográfica que parte de relatos feitos por alguém, acredito que quando essa carta parte de um viajante ele têm muito a mostrar dos lugares que percorre. Os caminhos que ele faz, são relatados em escritas, fotos ou através de objetos simbólicos. O saber que ele recebe durante sua viagem proporciona momentos que somente ele entende. Instantes vividos durante a realização dessa escrita somente eu saberei, mas, apresento por meio do contexto investigado ampliado pela experiência. Acredito que em muitos momentos estabeleço um diálogo entre a viagem em si e a pesquisa quando encontro pontos similares entre elas e consigo transitar entre uma e outra sem descontextualizar. Como quando na (Fig.07, p.29) – sugiro a troca da palavra *viagem* pela palavra

pesquisa, mostro que tanto uma quanto a outra são possibilidades de experiência e conhecimentos.

Entre idas e vindas a diferentes lugares e situações o que ficou marcado foram a aprendizagem obtida em cada etapa realizada. Um viajante por onde passa traz consigo histórias para contar, memórias do que viveu, e a expectativa do que esta por vir. Sinto-me realizada em chegar dessa viagem com tanto que carrego na bagagem e instigada para novos desafios.

As leituras que fiz especialmente para esse trabalho me possibilitaram conhecer autores e artistas importantes que me acompanharam e contribuíram muito em cada etapa, deixo um agradecimento a todos por me possibilitar refletir, conceitualizar, poetizar, produzir.

....ao final dessa viagem o que pude concluir é que a arte esta cada vez mais me fazendo interpretar o mundo de outras maneira. Acredito que antes mesmo de ela aparecer através de uma linguagem ela manifestou-se através do meu olhar e minhas atitudes.

Sobre a mesa deixo meus pertences.....

Obrigada por ter viajado comigo.....

4



GUIAS REFERENCIAIS

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo G Gili, Ltda, 2013.

CEZAR, Claudia Zimmer de Cerqueira. **(Des)localização do meio e outras rotas**: trânsito entre meios. 2014. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/110005/000951934.pdf;sequence=1>>. Acesso em: 29 Abr. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FERNANDES, Mariane de Oliveira. **Os conceitos de territórios e lugar na contemporaneidade**: a produção nas teses de pós-graduação em geografia de 2001-1011. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências, Universidade Federal de Santa Maria(ufsm,rs), Santa Maria, 2013. Cap. 2. Disponível em: <[http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9389/FERNANDES , MARIANE DE OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9389/FERNANDES%2C%20MARIANE%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 29 Mar. 2018.

FAVERO, Fran. **Fran Favero**. Disponível em: <<http://franfavero.tumblr.com/>>. Acesso em: 1 jul. 2018.

LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (Org.). **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

TIBERGHIEU, Gilles. **Imaginário cartográfico na arte contemporânea**: sonhar o mapa nos dias de hoje. Trad. Inês de Araujo. Revista do Instituto de Estudos

Brasileiros, Brasil, n. 57, p. 233-252, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i57p233-252>

PANIAGUA, Francisco Pablo Medeiros. **Arquipélago**. 2016. 216 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Porto Alegre: L&pm, 2009.

PLAZA, Julio; TAVARES, Monica. **Processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais**. São Paulo: Hicitec Ltda, 1998.

REDIN, Mayana. **Edifício Cosmos**. 2015. Disponível em: <[http://mayanaredin.blogspot.com/search/label/Livro Edifício Cosmos](http://mayanaredin.blogspot.com/search/label/Livro%20Edif%C3%ADcio%20Cosmos)>. Acesso em: 1 jul. 2018.

SANTAELLA, Lúcia (Org); FEITOZA, Mirna. **Mapa do jogo: a diversidade cultural dos games**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

APÊNDICES

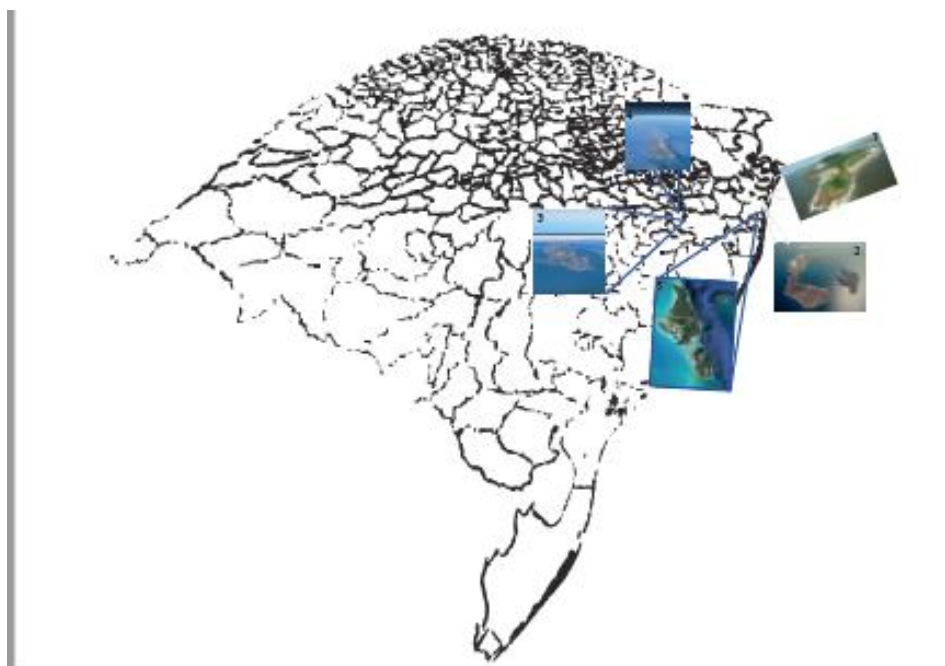


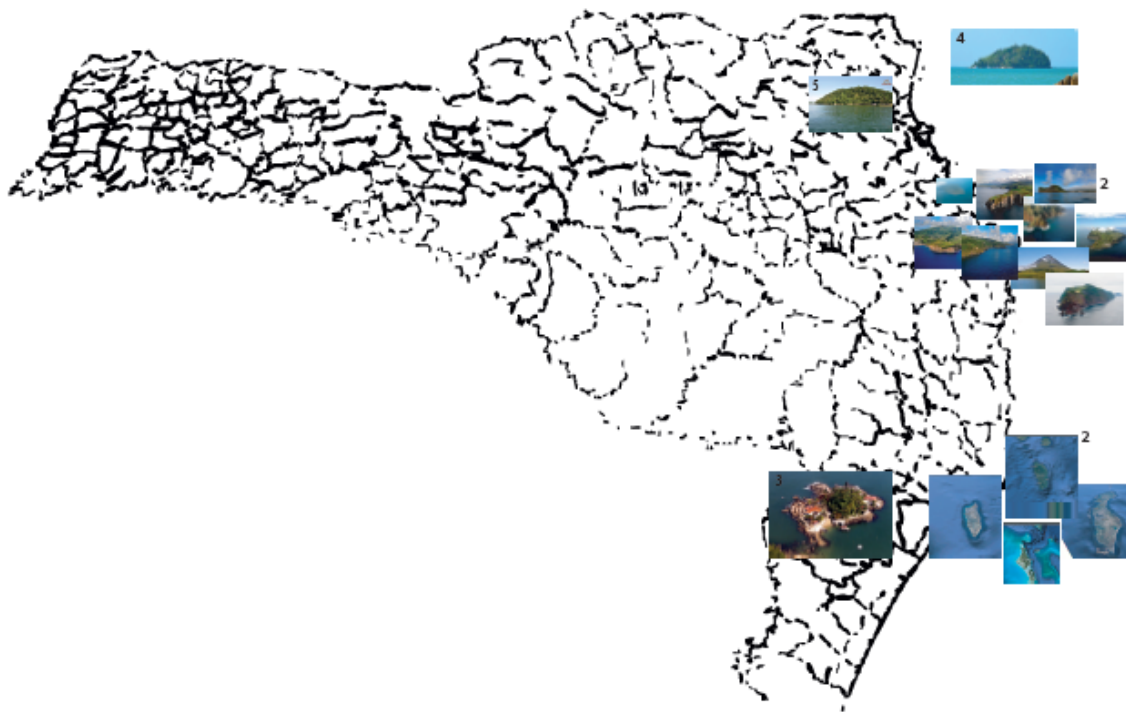
- Legendas para identificar ilhas e edifícios dentro dos estados de SC e RS.

Legenda

- 1  Condomínio Edifício Ilha do Mel
R. Guaraci, 1568 - Centro - Capão da Canoa - RS
- 2  Ed. Ilha de Santorini
R. Marabá, 04, Capão da Canoa - RS
- 3  Ed. Ilha de Capri
Av. Quito, 421 - Jardim Lirioia, Porto Alegre - RS
- 4  Edifício Ilha de Creta
R. Euclides Miranda, 50 - Partenon, Porto Alegre - RS
- 5  Edifício Bahamas
R. Ubirajara, 186, Capão da Canoa - RS

Ilhas de concreto





Legenda

- 1  Ed. Residencial Ilhas do Caribe
Rua Artur Bernardes esquina, Criciúma - SC
- 2  Conj. Habitacional Ilha dos Açores
Rod. Admar Gonzaga, 1623 - Florianópolis - SC
- 3  Ed. Ilha das Palmas
R. Alm. Barroso, 616 - Criciúma, SC
- 4  Ed. Ilha do Francês
R. das Algas, 1081 - Jurerê, Florianópolis - SC, 88053-505
- 5  Edifício Ilha de Itacuripe
Av. Atlântica, 3460 - Balneário Camboriú - SC

Ilhas de concreto



CONVIDA

entremeios

Abertura da exposição e conversa com os artistas:

18 de junho, às 19h30

Visitação:

**de 19/06 a 20/07 de 2018,
das 14h às 18h**

Local:

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense
Sala Edi Balod - Espaço de Exposições e
Laboratório de Artes Visuais - Bloco Administrativo
Avenida Universitária, 1.105, Bairro Universitário,
Criciúma - SC. CEP: 88806-000

Artistas:

Adriano Biz Mezari
Adrieli Guidarini Roman
Alice da Silva Meis
Aline Delavechia Rodrigues
Ana Paula Gallas Fernandes
Felipe Tuon Tonetto
Gislaine Berto Serafim
Iolanda Luiza Vitória Maciel Peres
Marcos Paulo da Silva Costa
Oniela Machado João
Paloma de Souza Marques
Vilcionei de Andrade Macedo
William Fernandes Bombazaro

artesvisuais

bacharelado . licenciatura



Ilhas de concreto – Exposição entremeios -

